



Recebido em: 09/02/2019

Aceito em: 20/03/2019

A umbanda no campo religioso em transformação¹ **The Umbanda in the religious field of transformation**

Mestranda Ana Clara Sapienci de Souza²

UNICAMP

<http://lattes.cnpq.br/9349027999195837>

Resumo: Esta pesquisa está centrada na análise da construção de um campo umbandista, constituído por dois núcleos fundamentais, o cristão-espírita e o afro-brasileiro. Em que ambos reuniriam em si agentes, rituais, práticas e discursos, que marcam essas diferenças ou proximidades. Inserida em um cenário religioso de plena transformação (ascensão dos evangélicos, queda do número de católicos e aumento do número de espíritas), está imersa em fluxos que marcam um contexto aberto às disputas simbólicas por discursos e adeptos. A ascensão evangélica, não só em números, mas no nível cultural, é o principal elemento de mudança do cenário religioso brasileiro; atingindo diretamente a umbanda. O objetivo é investigar tanto a solidez do campo umbandista quanto sua porosidade, a fim de entender como esse campo é influenciado por outras religiões do campo religioso brasileiro. Nesse sentido, a afirmação da umbanda como cristã poderia atuar criando identificação e encorajando a declaração como adepto, transformando os elementos cristãos em signos de distinção e de legitimidade. Por outro lado, a

¹ Projeto de pesquisa desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas, orientado pelo Prof. Dr. Renato Ortiz, financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP.

² Bacharela em Ciências Sociais, mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia do IFCH/Unicamp; Projeto de pesquisa: “Entre o cristão-espírita e o afro-brasileiro: a umbanda no campo religioso em transformação”, orientada pelo Prof. Dr. Renato Ortiz; financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo; e-mail: acsapienci@gmail.com.

valorização da identidade cultural africana do candomblé poderia levar os umbandistas à procurarem esse caminho mais “autêntico” e “puro”. A partir disso, a hipótese é que esses dois núcleos (cristão-espírita e o afro-brasileiro) estão sendo orientados por caminhos externos ao campo umbandista, as vertentes cristãs e o candomblé, assim os discursos estão significados por disputas externas à umbanda, presentes no campo religioso brasileiro.

Palavras-Chave: Religiões Afro-Brasileiras, Umbanda, Campo Religioso, Cristianismo, Brasil.

Abstract: This research is centered in the analysis of the construction of an umbandist field, constituted by two fundamental cores: the Christian-Spiritist and Afro-Brazilian; in which both would bring together agents, rituals, practices and speeches that mark these differences or proximity. Inserted in a religious scene of several transformations (such as the rise of evangelicals, a decline in the number of Catholics and an increase in the number of Spiritists), the umbanda is immersed in flows that mark an open context to symbolic disputes by discourses and adepts. The evangelical rise, not only in numbers, but at the cultural level, is the main change element change in the Brazilian religious scene, which reaches umbanda directly. The goal of this work is to investigate the solidity of the Umbandist field and its porosity in order to understand how this field is influenced by other elements of the Brazilian religious field. In this sense, the affirmation of the umbanda as a Christian religion could act by creating identification and encouraging the declaration as an adept, transforming the Christian elements into signs of distinction and legitimacy. On the other hand, the appreciation of the African cultural identity of Candomblé could lead the Umbandists to seek a more "authentic" and "pure" way. From this, the hypothesis is that these two cores (Christian-Spiritist and Afro-Brazilian) are being guided by paths which are external to the Umbandist camp, Christian strands and the Candomblé, so the discourses are signified by disputes outside the Umbanda but present in the Brazilian religious field.

Keywords: Afro-Brazilian religion, umbanda religion, religious field, cristianism, Brazil.

Introdução

A umbanda é caracterizada pelas ciências sociais da religião como um conjunto sincrético, nascido no Brasil, portanto, endógeno (ORTIZ, 1978, pg. 14), composto por elementos de diversas tradições religiosas. Trata-se de um conjunto de práticas, crenças e manifestações que são, sobretudo, de natureza: católica, espírita kardecista e candomblecista. Nesse sentido, a umbanda é o resultado de um processo de reelaboração de ritos, mitos e símbolos que, no interior de uma estrutura redefinida, adquirem novos significados (MAGNANI, 1986, pg. 13).

A reinterpretação da história e dos acontecimentos sociais são formas de diálogo da religião com a realidade em que ela está inserida, algo que é expressado por meio das entidades espirituais que se manifestam no transe mediúnico; sendo figuras presentes no imaginário popular, como os caboclos, pretos-velhos e baianos³. Imersa nessa cultura popular, combina símbolos nacionais e reivindica originalidade como “a religião brasileira por excelência”.

A umbanda, sob influência espírita, agrega em sua prática o princípio cristão da caridade; é a partir dele que os umbandistas significam e legitimam sua prática. Um ideal que, de uma forma ou de outra, está presente na maioria dos terreiros e ocupa um lugar central no discurso religioso nativo. Por ser o principal elemento importado do espiritismo norteia os demais elementos oriundos dele: a reencarnação, a ideologia do carma, a manifestação dos espíritos. A caridade pode assumir diversos significados, de ajudar na limpeza do terreiro até incorporar as entidades.

Do catolicismo, importou-se uma estética similar (imagens, velas, datas comemorativas, a presença ocasional da bíblia) e o expressivo culto a Jesus Cristo, sincretizado com o orixá iorubano Oxalá, também interpretado como mestre e senhor, ocupando lugar central no congá. Além disso, o catolicismo popular⁴, se faz presente na forma de culto aos santos, para além daqueles sincretizados em orixás, rezas, cantigas devocionais e benzimentos (executados ou não pelas entidades).

³ As entidades espirituais da umbanda, tais como estas e outras mais (marinheiros, boiadeiros, pombagiras etc.) não têm biografias definidas, possuindo trajetórias míticas e associada a determinados arquétipos.

⁴ Trata-se do catolicismo predominante no meio rural brasileiro e que foi trazido em boa medida para cidades, marcado por elementos mágicos e a forte devoção aos santos (Camargo, 1973).

Esses elementos cristãos⁵ podem ser signos de distinção, pois são a referência simbólica do discurso utilizado pela umbanda em busca da legitimidade. Essa distinção seria uma das formas de hierarquizar os agentes nas disputas no campo religioso, buscando proximidade com os elementos dominantes no campo religioso brasileiro. Isso porque, no limite, o cristianismo é a língua franca no mercado religioso brasileiro - católicos, evangélicos e espíritas somam mais de 95% da população nacional (SOUZA, 2016), conforme censo demográfico de 2010 – constituindo-se como hegemonia cultural⁶. Incorporar esses elementos produz um discurso potente; de forma que, a umbanda mais próxima dos valores dominantes (ou hegemônicos), o núcleo cristão-espírita, estaria mais próxima de consagrar suas regras do que os terreiros mais próximos simbolicamente do candomblé, que ocupariam uma posição desprivilegiada na disputa.

A umbanda tem um papel significativo na configuração do cenário religioso brasileiro, ainda que venha perdendo adeptos (vide Censo demográfico 2000 e 2010), tem grande importância no imaginário popular e no repertório cultural brasileiro, por isso a relevância de seu estudo no âmbito da sociologia da religião. No levantamento bibliográfico buscou-se as principais referências de ciência sociais da religião voltadas para a umbanda e que enfocam ângulos diferentes da constituição dessa vertente religiosa, sendo algo ainda em curso após quase um século após sua formação.

As questões que orientam esta pesquisa são: quais as aproximações e semelhanças, que colocam parte da umbanda mais próxima de vocações cristãs? E da matriz africana? Como a ascensão do neopentecostalismo reflete no campo umbandista? Como a transformação do campo religioso interfere nas formas de legitimação da umbanda? Em que medida esse processo está ligado aos adeptos?

⁵ Há vertentes em que os elementos católicos ocupam um lugar mais destacado e outras em que os elementos espíritas se sobressaem. Nesta pesquisa, elas deverão ser observadas como influências distintas, ainda que esses elementos (católicos e espíritas) estejam mesclados na prática, como um único ideal cristão. Essas duas influências são tratadas na literatura de dois modos: o primeiro é subestimar o catolicismo em detrimento dos elementos espíritas, e o segundo, une essas duas religiões como o ideal cristão. Mas é interessante observar o catolicismo presente (de forma mais chamativa) em uma parte da umbanda, tanto pelos elementos e significados, tanto pela atuação da igreja como impulsionadora indireta do processo de moralização vivenciado pela umbanda.

⁶ Hegemonia cultural é um conceito retirado de Gramsci, sendo algo construído por várias esferas que formam a cultura (LEITE, P. M.; SCHLESENER, A. H., 2007) A hegemonia cristã, na esfera política está presente na criminalização de determinadas condutas consideradas desviantes pelo Estado; nessa correlação, os dois lados são fortalecidos. Visto desse ponto, justifica-se a utilização do conceito para analisar como os valores cristãos permeiam diversas esferas da sociedade brasileira.

Em suma, o objetivo é observar o campo umbandista, constituído por dois núcleos fundamentais: o cristão-espírita e o afro-brasileiro. Em que ambos reuniriam em si agentes, rituais, práticas e discursos, pontos em comum e diferenças, elaborando discursos que marcam essas diferenças ou proximidades. Mas permeado pelas transformações de um campo maior e no qual está inserido, investigando tanto a solidez do campo umbandista quanto sua porosidade, a fim de entender como esse campo é influenciado por outras religiões do campo religioso brasileiro; ou seja, como elas orientam e atraem os núcleos da umbanda para si; no limite, como a disputa entre esses núcleos do campo umbandista torna-se secundário, em detrimento da disputa com caminhos externos ao campo religioso brasileiro.

A umbanda no campo religioso brasileiro em transformação

A formação da umbanda, nas primeiras décadas do século XX, fez parte de um processo mais amplo vivido pela sociedade brasileira; com a redução do espaço ocupado pelo catolicismo, outras opções religiosas se desenvolveram; e, com isso, a necessidade de modificar e reinterpretar as tradições afro-brasileiras, que estavam assentadas no candomblé (ORTIZ, 1978, pg. 30). Que ocorreu em dois sentidos: o primeiro, um processo de embranquecimento das tradições afro-brasileiras, e o segundo, um empretecimento das práticas espíritas.

Inserida em um cenário religioso de plena transformação – ascensão dos evangélicos, queda do número de católicos e aumento do número de espíritas –, está imersa em fluxos que marcam um contexto aberto às disputas simbólicas por discursos e adeptos. No censo demográfico, a umbanda, inserida na categoria de “religiões afro-brasileiras”⁷, perde adeptos enquanto o candomblé cresce. Se, por um lado, há subestimação do número de adeptos das religiões afro-brasileiras, por outro, essa diminuição pode significar fragilidade em fortalecer seus adeptos e encorajar a auto declaração ou permanência diante das possibilidades de conversão. Diante disso, é necessário compreender como a umbanda se posiciona

⁷ No conjunto das religiões afro-brasileiras, é a umbanda que perde mais adeptos, enquanto, o candomblé cresceu nos últimos anos. Essas vertentes passam a ser contabilizadas em 1980, onde tinham 0,6% de adeptos, passaram para 0,4% em 1990 e manteve 0,3% nos censos de 2000 e 2010. A contabilização da umbanda e o candomblé separadamente começa em 1991; naquele ano o candomblé tinha 107 mil adeptos e a umbanda, 542 mil. Em 2010, o candomblé cresceu 70%, passando para 180 mil adeptos, enquanto a umbanda perdeu um quarto de seus seguidores, passando para 407 mil. Em suma, “(...) nesses vinte anos, a umbanda declinou muito, enquanto o candomblé cresceu numa taxa duas vezes maior que a da população brasileira, indício de crescimento relativo real.” (PRANDI, 2012, pg. 102)

nesse cenário; já que cada terreiro é uma unidade singular, se organiza, se divide e se coloca dentro desse campo em transformação em que a religião está inserida.

A ascensão evangélica – não só em números, mas no nível cultural – é o principal elemento de mudança do cenário religioso brasileiro; atingindo diretamente a umbanda, que passa a ter que responder de alguma forma a essa transformação, pois estão próximos em um contexto conflituoso. São religiões que lidam com camadas sociais similares – baixa renda e escolaridade –, direcionando a hostilidade e o proselitismo aquele que é, de fato, o concorrente mais direto; ambas seriam formas de atuar/existir no mesmo contexto social, locais onde os fiéis buscam cura para os diversos males que os afligem (FRY; HOWE, 1975).

Enquanto a umbanda perde adeptos, o neopentecostalismo cresce, sustentado pela Teologia da Prosperidade, um importante instrumento de conversão; que inverte o velho ascetismo pentecostal e promete bens materiais, prosperidade, poder terreno e redenção da pobreza, que é um sinal de falta de fé e desmerece qualquer pretendente da salvação divina, tendo em vista que a valorização da prosperidade é justificada pela ideia de escolha dos “filhos de deus”, pois os reais servos de Deus nunca serão párias sociais (MARIANO, R., 1999). O que é oposto à ideologia espírita do carma presente na umbanda, em que se deve praticar a caridade e desapegar de dádivas terrenas, aceitando a posição social desfavorecida como uma forma de prova terrena de faltas cometidas em vidas passadas e caminho incontornável para a evolução espiritual e redenção.

As denominações neopentecostais protagonizam uma ostensiva “guerra religiosa” contra as entidades afro-brasileiras (Mariano, 2003; Almeida, 2009). Entretanto, esse neopentecostalismo macumbeiro (ORO, 2004) – sobretudo da IURD –incorpora em seus cultos referências das religiões afro-brasileiras (exorcismos, bênçãos, entidades), havendo um trânsito das entidades/elementos do terreiro para as fileiras iurdianas, onde passam a ser demônios, evidenciando o conflito religioso. Essa relação simbiótica expressa pela postura combativa gera uma relação singular entre IURD e religiões afro-brasileiras, já que “a Universal dependeu delas para construir parte de seu universo simbólico, como se ela se alimentasse daquilo que propunha combater (ALMEIDA, 2003, pg. 322).

Se, por um lado, o neopentecostalismo tem uma postura aguerrida e proselitista, que demoniza entidades do panteão afro-brasileiro e é ativo na condenação do Outro (ORO, 2006; ALMEIDA, 2003); por outro, a umbanda tem formas mais sutis de atuação e resistência, uma delas, possivelmente, é a busca pela afirmação da identidade como uma religião caridosa, que propaga o “bem”. A distância e a proximidade evangélica são elementos importantes de contraste,

também porque o caminho inverso não deixa de existir. Seja porque a conversão não se mostra efetiva com o passar do tempo e o ex-umbandista/ex-candomblecista volta aos terreiros, seja por evangélicos que deixam sua denominação para se iniciar nas religiões afro-brasileiras.

Em uma disputa simbólica por adeptos e símbolos, a afirmação da umbanda como cristã poderia atuar criando identificação e encorajando a declaração como adepto. Isso porque, muitos daqueles que frequentam terreiros não se identificam enquanto umbandistas, ou por não se considerarem integrantes da religião ou por receio. Também pelo caráter de serviço religioso da umbanda, que se procura em um momento de aflição, mas que não entra em conflito com a religiosidade das pessoas, que é católica em maioria, dado que o catolicismo é o doador universal de adeptos religiosos. Os elementos cristãos poderiam funcionar, nesse contexto, como um fator de distinção e de legitimidade. Por outro lado, a valorização da identidade cultural africana presente no candomblé poderiam levar os umbandistas à procurarem um caminho mais “autêntico” e “puro”.

O campo umbandista: legitimidade e fragmentação

Considerando que cada terreiro é um microcosmo ⁸ (NEGRÃO, 1996), agrupá-los em dois núcleos possibilita uma análise mais sólida da unidade de culto de que se trata, sua história e a comunidade que a compõe. A partir disso, a hipótese é que esses dois núcleos - cristão-espírita e o afro-brasileiro - estão sendo orientados por caminhos externos ao campo umbandista. Para além do fluxo de fiéis, os discursos são significados por disputas externas à umbanda, presentes no campo religioso brasileiro. Nesse sentido, esses caminhos externos - o núcleo cristão-espírita pelas religiões cristãs e o núcleo afro-brasileiro pelo candomblé - atraem esses núcleos como imãs. Esses campos magnéticos que atraem os núcleos da umbanda, provocam uma elaboração própria por parte dos agentes, que tentam dar respostas à essas transformações. Cabe questionar como a umbanda se

⁸ A diversidade das religiões mediúnicas (espiritismo e umbanda) foi tratada por Cândido Procópio Ferreira de Camargo por meio da ideia de um “continuum mediúnico” ou “gradiente espírita-umbandista” (1961, pg. 13), em resposta à necessidade de sistematizar as crenças que estavam ligadas a práticas mediúnicas - umbanda e espiritismo - que, à época, estavam em ampla ascensão. O polo cristão, representado pelo espiritismo kardecista, teria uma tradição histórico-cultural delimitada e consolidada, e no outro, estaria a umbanda que “mesmo em sua forma mais radical e africanista assimila traços kardecistas” (CAMARGO, 1973, pg. 166), em que as pessoas circulavam e transitavam, por isso, o continuum traz em si, intrínseco, o movimento. Se, por um lado a conceptualização de dois pólos, um mais próximo do cristianismo e outro da influência afro é produtiva, por outro, o movimento implícito no “continuum” inviabiliza utilizá-lo para caracterizar o objeto de pesquisa.

organiza nesse contexto e como ela constrói a legitimidade de seus símbolos religiosos.

O que está em jogo é aquilo que se quer perpetuar e o que deve ser deixado de lado, e por isso, os elementos cristãos podem ser legitimadores da umbanda, pois fornecem um discurso efetivo de fortalecimento – a umbanda como uma religião boa, caridosa, gratuita. Esses elementos não são escolhidos ao acaso, mas hierarquizados, seguindo uma lógica incorporada pelos agentes do que é efetivo e socialmente aceito e aquilo que gera preconceitos e receios.

Incorporar os valores - culturais e de classe - da sociedade representa, para a umbanda, o processo de integração à sociedade brasileira, buscando um lugar de legitimidade e aceitação social como religião (ORTIZ, 1978, pg.147). A legitimidade é central para a construção da umbanda enquanto religião, tendo influenciado tanto sua consolidação no início do século XX, quanto às mudanças vivenciadas nos últimos dez anos. As questões e conflitos que a permeiam passam, invariavelmente, pela necessidade de legitimidade.

Essa legitimação começou se concretizar quando a umbanda surgiu e começou a crescer no cenário religioso, na primeira metade do século XX, consolidando-se como opção no mercado (ORTIZ, 1978, pg. 185). Entretanto, em um movimento reverso, de decréscimo no número de adeptos e perseguição, a legitimidade torna-se, novamente, central; impulsionando uma reinvenção religiosa, como meio de fortalecimento, o que envolve novas práticas, discursos, mídias, divulgação.

O espiritismo e o catolicismo têm um papel fundamental para a legitimação social da umbanda, sendo os pilares de seu processo de moralização. Foi pela incorporação de elementos dessas religiões, que ela enfrentou críticas e perseguições, sendo, atualmente, uma espécie de trunfo na resistência à ofensiva cristã evangélica. Ao adotar elementos do cristianismo social e culturalmente hegemônico – valorizados pela grande mídia - a umbanda busca, de alguma forma, reivindicar seu lugar no cenário religioso atual.

As concepções cristãs, sobretudo a caridade, não foram apenas transplantadas do catolicismo e do espiritismo e incorporadas de forma superficial, pois tal “doutrina caritativa” passou por adaptação/ressignificação. A forma como a caridade é pensada e praticada na umbanda não está desconectada do contexto social em que está inserida, porque, é, também, pautada na vida real, no cotidiano de subalternos – e mesmo de não-subalternos, mas que, ainda sim, carentes de alguma forma (NEGRÃO, 1996).

O sincretismo umbandista é oposto ao movimento de valorização da identidade africana do candomblé. Através do reaprendizado da língua, dos ritos e mitos, perdidos na diáspora, esse movimento de africanização contrapõe-se aos elementos umbandistas presentes no candomblé, como o culto quimbandista, dos exus e pombagiras, os chamados catiços (PRANDI, 2011, pg. 17). No entanto, os candomblés africanizados mantiveram a presença dessas manifestações, que destoavam a tradição em África, por elas fazerem sentido dentro do mercado religioso brasileiro. É desse processo que surge o movimento religioso que junta umbanda e candomblé, chamado de umbandomblé (PRANDI, 2011).

Pensar o sincretismo é inevitável quando se trata das religiões afro-brasileiras. Esse movimento está ligado à ideia de síntese de crenças, quando dois sistemas de crença não conseguem mais se sustentar sozinhos, se juntam pela seleção de alguns elementos, no limite, com a continuidade desse processo deixariam de existir. A umbanda, sincrética em sua formação, foi moldada pelo processo de modernização brasileira (ORTIZ, 1978); se, nesse contexto, o nacional estava fortalecido e pensar na identidade nacional produzia sentido, com a globalização (ORTIZ, 2006) o nacional perde força, e a afirmação passa a se dar em um nível particular; um possível caminho para o fortalecimento do candomblé em detrimento da umbanda. Isso porque no candomblé, a desconstrução do sincretismo passa pelo processo de “reafricanização” do culto e do resgate das origens trazidas da África, vivenciado a partir da década de 60, negando a sincretização como uma herança do colonialismo, do racismo e da violência da escravidão. Ao contrário da umbanda, que tanto em seu discurso, como na sua elaboração simbólica de origem se pensaria brasileira.

Em face dessas mudanças no cenário religioso brasileiro, a umbanda buscou atualizar-se, utilizando as mídias digitais e formas criativas de divulgação de atividades. A Faculdade de Teologia Umbandista, instalada em São Paulo, os cursos de ensino à distância (EAD), os canais no Youtube são inovações em termos de produção e disseminação de conteúdo dessa religião, algo que a distancia da velha imagem de “baixo espiritismo”⁹, apontando para uma mudança em sua forma de culto e de existência.

⁹ A categoria “baixo espiritismo” foi utilizada com diversos significados para caracterizar os cultos mediúnicos próximos da umbanda, ou mesmo ela. “As próprias fronteiras da identidade dos agentes religiosos (enquanto “espíritas”, “umbandistas”, “macumbeiros”) estariam se definindo pelo desenrolar e desfecho desses processos de acusação. A expressão “baixo espiritismo” deveria ser compreendida, ao

A umbanda, enquanto religião, pode ser analisada a partir de dois núcleos fundamentais: o cristão-espírita e o afro-brasileiro, inseridos em um campo religioso maior. Isso porque, um campo é composto por disputas e são elas que fazem a sua existência (BOURDIEU, 1983, pg. 58); e as disputas dentro desse subcampo umbandista não parecem ser orientadas internamente, mas relacionadas ao campo religioso brasileiro, no qual está inserida, portanto externas. Isso porque esses dois núcleos, apesar de estruturarem o campo (ou subcampo) umbandista, não estão em disputa entre si pela consagração de suas regras, mas cindidos, se distanciando, orientados por caminhos externos.

Os núcleos - cristão-espírita e afro-brasileiro - não elaboram seus discursos isolados, mas orientados por dois caminhos dispostos nesse campo mais amplo: o caminho da conversão cristã (espiritismo, catolicismo e pentecostalismo/neopentecostalismo) ou a afirmação e valorização da identidade cultural dado pelo candomblé. Esses caminhos estão fora do campo umbandista, mas orientam as relações dentro dele. É preciso entender como influência e atração, dada em duas direções, atraem, como campos magnéticos, os dois núcleos em volta dos quais a umbanda se organiza.

Conclusão

O trabalho de campo prevê a centralidade da observação das imagens religiosas, as músicas entoadas e a estrutura ritualística do culto, como informantes da prática e da crença que permeia cada terreiro¹⁰. Essa construção teórica dos núcleos dentro do campo permitirá perceber os elementos que fazem com que parte da umbanda queira se afirmar como cristã, e as implicações desse posicionamento, bem como, o papel dessa afirmação para os agentes dentro do campo e o teor da crença em uma autoimagem cristã como possível legitimadora, bem como a sua negação.

A exemplificar a característica dos terreiros pertencentes ao núcleo cristão-espírita escolhidos para a realização da pesquisa será o Centro Espírita Umbandista

lado de outras, como um recurso de hierarquização (ao definir os “maus” em oposição aos “bons” espíritas) nesses embates jurídicos e sociais.” (GIUMBELLI, 2003, pg. 249)

¹⁰ “(...) O simbólico compreende a linguagem, mas não se reduz a ela; ele designa também a função cognitiva dos signos, linguísticos ou não. O poder do símbolo repousa sobre aquilo que ele não diz explicitamente, naquilo que ele supõe sem explicar abertamente. Ele conduz a uma relação de sentido socialmente fundado, o que significa dizer que o poder simbólico não se constitui fora das relações de forças características da estrutura social em sua totalidade (Bourdieu, 1998)”. (ARRIBAS, 2012, pg. 499)

Caminhos de Luz ¹¹, localizado na cidade de Sertãozinho-SP. Durante o ritual, existe uma parte dedicada à 'liturgia', que consiste na leitura do evangelho bíblico ou fragmento de livros espíritas, após esse momento, realiza-se a prece de caritas (original do espiritismo). O ideal de caridade permeia as atividades realizadas no centro/terreiro, mas sobretudo, é atribuído ao 'trabalho' das entidades, expandido para os exus e pombagiras, que seriam militantes da lei divina, praticantes da caridade como meio evolutivo, dissociados dos serviços mágicos, como as amarrações amorosas e os trabalhos negativos.

Os rituais da esquerda (exus e pombagiras), acontecem apenas uma vez ao mês, diferente das demais linhas (caboclos, pretos-velhos, baianos, marinheiros e boiadeiros), que são semanais. Se por um lado, desvincula-se do culto da esquerda (reduzindo as sessões), que é muito estereotipado, marcado pelo preto e vermelho, por outro reconhece a importância (e a popularidade) dessas entidades, englobando-as em seu moralismo cristão, e a partir disso, dando-lhes espaço. Esse exemplo ilustra como essa vertente umbandista afirma-se como cristã, ou seja, incorpora elementos e crenças cristãs como intrínsecas; e busca, a partir disso, legitimação no mercado religioso, como religião moralizada e "boa".

O contraponto, realizado pelos terreiros em que prevalecem elementos africanos, provenientes do candomblé, identificado como núcleo afro-brasileiro. Se o candomblé é a religião afro-brasileira que cresce e se fortalece - com mostra os dados do censo apresentados - essa seria uma outra opção enquanto legitimadora no campo religioso, pela sua proximidade dos rituais. No limite, a grande crítica dessa umbanda próxima do candomblé (e do próprio candomblé) é justamente a umbanda cristianizada; e essas acusações são mais uma característica da composição de um campo umbandista, onde essas duas formas divergem na busca por legitimidade.

O núcleo afro-brasileiro, mais próximo do candomblé, é denominado pelos informantes com diversas alcunhas: umbandomblé, omolocô, umbanda cruzada/traçada ou umbanda de angola. Essas vertentes possuem diversos elementos, como por exemplo, a utilização de sacrifício de animais para realização de trabalhos, que podem ou não serem cobrados. É possível que haja

¹¹ O terreiro em questão foi frequentado pela proponente para a realização de sua monografia de conclusão do curso de ciências sociais, em 2017.

paramentação¹² dos orixás e ritos de iniciação próximo da camarinha¹³ realizada no candomblé. Mas esses elementos não são regras. O fato de se aproximarem do candomblé pode ser, exatamente, a negação dos elementos cristãos, recusando o culto das imagens sincretizadas dos orixás, optando por ter altares compostos exclusivamente pela representação africana dos orixás, o que pode significar uma afirmação política de recusa da influência moralizadora cristã.

Além dos pontos apresentados, como existe um crescente movimento nas mídias digitais de grupos religiosos umbandistas (como já citado) interessado em promover diálogo com leigos e adeptos, produzindo um conteúdo pedagógico sobre a religião, esses veículos serão utilizados na pesquisa e serão caminhos possíveis para levantar informações e analisar o conteúdo produzido; sobretudo utilizando os canais no Youtube ¹⁴ produzidos por umbandistas, que têm como objetivo esclarecer o público e unificar as práticas, estabelecendo um critério de certo e errado. Esses canais constituem fonte de informações porque concentram uma diversidade de discursos (ainda em que sua maioria sejam canais produzidos por pessoas nas regiões sul e sudeste).

Acrescentando, como elemento de contraste, bibliografias e discursos neopentecostais (representados pela IURD), para tencionar as relações dentro da umbanda e nesses dois núcleos. Inserida em um cenário em transformação, a umbanda não está alheia aos ataques simbólicos que sofre, os umbandistas têm discursos próprios sobre fluxo de fiéis entre as fileiras pentecostais e a umbanda e sobre a presença de entidades afro-brasileiras nos cultos evangélicos, revelando aspectos interessantes da sua relação com o cenário religioso. Essa relação conflituosa produz sentidos e percepções que iluminam as formas de legitimação e afirmação da umbanda no campo religioso brasileiro.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Ronaldo de. **A Igreja Universal e seus demônios: um estudo**

¹² Trajes produzidos especialmente para o transe dos orixás no candomblé e contém elementos próprios do orixá manifestado: suas cores, objetos, ferramentas. Marcado pela grandiosidade e luxo que é comum nas roupas dos deuses.

¹³ A camarinha é o ritual pelo qual passa todo aquele que deseja tornar-se membro do candomblé, consiste em uma série de rituais e reclusão do “filho de santo”, para que este possa nascer de novo, agora como um ser ritualizado dentro do transe e dos fundamentos candomblecistas (BASTIDE, 2001).

¹⁴ Um exemplo da dimensão desse campo em tal plataforma são os canais: “Umband’boa” com 57 mil inscritos; “Adérito Simões” com 144 mil, “Alan Barbieri” com 165 mil, “Jefferson Viscardi/Diálogo com os espíritos” com 113 mil e “Tudo sobre umbanda” 126 mil. Acesso em Maio/2018

- etnográfico.** São Paulo, Terceiro Nome e FAPESP, 2009
- _____. **"A guerra das possessões"**, in Ari Pedro Oro; André Corten e Jean-Pierre Dozon (orgs.), Igreja Universal do Reino de Deus: os novos conquistadores da fé, São Paulo, Paulinas. 2003.
- ARRIBAS, Célia da Graça. **Pode Bourdieu contribuir para os estudos em Ciências da Religião?** Numen: Revista de estudos e Pesquisa da religião. V. 15, nº 2, 2012. p. 483-513
- BANDEIRA, Marina. **A Igreja Católica na virada da questão social (1930-1964): anotações para uma história da Igreja no Brasil: ensaio de interpretação.** Rio de Janeiro: Vozes: Educam, 2000.
- BASTIDE, Roger. **O Candomblé da Bahia: rito nagô.** São Paulo; Companhia das letras, 2001 [1958] .
- _____. **"Contribuição ao estudo do sincretismo católico-fetichista"**, in: BASTIDE, Roger, Estudos afro-brasileiros, São Paulo, Perspectiva, pp. 159-91. 1973 [1946]
- _____. **As religiões africanas no Brasil,** São Paulo, Pioneira. 1971 [1960]
- BERGER, Peter. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião.** São Paulo, Paulinas, 1984.
- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas.** Trad. Sergio Miceli. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- _____. **A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos;** 3. ed. São Paulo, SP: Zouk, , c2001. 219 p., il. ISBN 8588840588 (broch.). 2006
- CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Kardecismo e umbanda.** São Paulo, Pioneira, 1961.
- FRY, Peter Henry, HOWE, Gary Nigel. **Duas respostas à aflição: umbanda e pentecostalismo.** Debate e Crítica, São Paulo, Hucitec, n.6, jul, p.75-94, 1975

- GIUMBELLI, Emerson. **O “baixo espiritismo” e a história dos cultos mediúnicos.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 19, p. 247-281, julho de 2003
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda.** São Paulo: Ática, 1986
- MARIANO, Ricardo. **Guerra espiritual: o protagonismo do diabo nos cultos neopentecostais.** *Debates do NER.* v. 4, n.4, 2003, p. 21-34.
- _____. **A Teologia da Prosperidade.** In: Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil. São Paulo: Loyola, p. 147-186, 1999
- MAURICIO JUNIOR, Cleonardo. **Resenha de A Igreja Universal e seus demônios: um estudo etnográfico.** Primeiros Estudos, São Paulo, n. 1, p. 157-163, 2011.
- LEITE, P. M. ; SCHLESENER, A. H. . **Hegemonia: considerações acerca do pensamento de Gramsci.** In: VIII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE, 2007, Curitiba. VII Congresso Nacional de Educação - EDUCERE. Curitiba: PUC/PR, 2007. v. 1. p. 1-9.
- NEGRAO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista em São Paulo.** São Paulo: EDUSP, 1996.
- ORO, Ari Pedro. **O neopentecostalismo macumbeiro.** Revista USP, nº 1: 319-32. 2006.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: Umbanda, integração de uma religião numa sociedade de classes.** Petrópolis, Vozes, 1978.
- PIERUCCI, A. F. **Bye bye, Brasil: O declínio das religiões tradicionais no Censo 2000.** Estudos Avançados, v. 18, n. 52, p. 17-28, 2004.
- PRANDI, Reginaldo. **Modernidade com Feitiçaria: Candomblé e Umbanda no Brasil do Século XX.** Tempo social São Paulo, v. 2, n. 1, p. 49-74, 1990
- _____. **Os candomblés de São Paulo: a velha magia na metrópole nova.** São Paulo, Hucitec, 1991
- _____. **O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso.**

Estud vol.18, n.52, pp. 223-238, 2004

_____. **Sincretismo afro-brasileiro, politeísmo e questões afins.** Debates do NER v. 19, p. 11- 28, 2011

_____. **Referências sociais das religiões afro-brasileiras: Sincretismo, branqueamento, africanização.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 8, p. 151-167, jun. 1998

SOUZA, André Ricardo de. **O pluralismo cristão em foco.** Trabalho apresentado no 29º Congresso Internacional da SOTER. Belo Horizonte, PUC-Minas, 2016.

TEIXEIRA, Faustino. **Os dados sobre religiões no Brasil em debate.** Debates do NER, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 77-84, jul./dez. 2013